



Novos Cadernos NAEA

v. 27, n. 3 • set-dez 2024 • ISSN 1516-6481/2179-7536





# SABERES NA ARTE DE ABRIR LETRAS EM EMBARCAÇÕES PESQUEIRAS DE BRAGANÇA (PA)


## KNOWLEDGE IN THE ART OF OPENING LETTERS ON FISHING VESSELS IN BRAGANÇA (PA)

**Ellen Cristina da Silva Corrêa**  

Universidade Federal do Pará (UFPA), Castanhal, PA, Brasil

**Roberta Sá Leitão Barboza**  

Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Bragança, PA, Brasil  
Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2. CNPq.

**Jair Francisco Cecim da Silva**  

Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Bragança, PA, Brasil

## RESUMO

Este artigo intenta averiguar os conhecimentos trazidos pelos diálogos estabelecidos com aqueles que pintam os nomes dos barcos, os abridores de letras navais de Bragança, município localizado no nordeste paraense. Esses sujeitos detêm conhecimentos empíricos que fomentam o saber-fazer de suas profissões, e o nome da embarcação torna-se representativo em várias perspectivas, seja pela oportunidade de eles fixarem seus espaços como abridores de letras, seja pelos acontecimentos que envolvem cada pintura de embarcação. A investigação qualitativa faz uso da pesquisa de campo para coleta de informações *in loco* por meio de incursões até um porto e um estaleiro, pois são os locais onde as construções e reparos dos barcos ocorrem. Objetiva-se por meio da pesquisa compreender como se dá a prática de abertura de letras, bem como identificar os saberes que estão envolvidos nessa ação, considerando-se ainda a compreensão acerca do saber científico e do saber tradicional. Para tanto, nos apoiamos especialmente em Lévi-Strauss, Cunha, Déléage e Martins. Obteve-se como resultado o entendimento de que no referido município os abridores de letras demonstram em seus afazeres não somente saberes e práticas dessa específica atividade, mas também o orgulho de expressar a arte que dominam.

**Palavras-chave:** saberes; práticas; abridores de letras; embarcações.

## ABSTRACT

This work intends to investigate the knowledge brought by the dialogues established with those who paint the names of the boats, the openers of naval letters in Bragança, located in the northeast of Pará. These subjects have empirical knowledge that promotes the know-how of their professions. Furthermore, the name of the vessel becomes representative from various perspectives, whether through the opportunity to set their spaces as letter openers, or through the events that involve each vessel painting. Qualitative investigation makes use of field research to collect information *in situ* through incursions to a port and a shipyard, as these are the places where boat construction and repairs take place. The objective of this research is to understand how the practice of opening letters takes place, as well as identifying the knowledge that surrounds this action, such as understanding scientific knowledge and traditional knowledge. To do so, we used the authors Lévi-Strauss, Cunha, Déléage and Martins. The result was the understanding that in that municipality, letter openers demonstrate in their tasks not only knowledge and practices of this specific activity, but also the pride of expressing the art they master.

**Keywords:** knowledge; practices; letter openers; vessels.

## 1 INTRODUÇÃO

A construção de embarcações no Brasil acompanha a própria história do país, desde sua origem, quando foi invadido e colonizado por quem tinha conhecimento sobre a feitura de embarcações. Sobre isso, Hoepner Ferreira (2009), em “Nota sobre a construção naval no Brasil nos séculos XVII e XVIII”, assegura que a indústria de construção naval brasileira já teve épocas de maior glória. E não é de estranhar, pois Portugal já possuía uma longa tradição nesse campo.

Não obstante, quando aqui chegaram os invasores, seguramente se depararam com as canoas utilizadas pelos indígenas, assim como a partir do século XVII, quando Portugal estava interessado em ocupar a Amazônia, decerto presenciaram as habilidades dos povos originários na construção de suas embarcações. A respeito disso, Bittencourt (1957) afirma que a canoa era o principal meio de transporte dos indígenas da região, em que as longas distâncias eram vencidas a remo, e que os troncos que caíam nos rios e boiavam conforme as correntezas foram a inspiração para a elaboração de suas primeiras embarcações.

Desse modo, para que os povos indígenas pudessem usufruir da diversa ictiografia da floresta amazônica, a fim de suprir suas necessidades de alimentação, tiveram de elaborar meios para atender às necessidades de deslocamento, o que os fez agir com engenhosidade e transformar árvores em *ubás* ou *igaritês*. Desenvolveram assim a cultura da pesca, que inclui todas as técnicas envolvidas nessa atividade, como a prática de construir barcos – um saber-fazer que se perpetuou entre nativos e ribeirinhos, abrangendo quase todo o território da região nordeste paraense.

A construção de barcos pelos mestres caboclos foi se aperfeiçoando e se adequando à realidade amazônica, o que demandou e engendrou técnicas e atividades ligadas ao ramo da construção naval, tais como a carpintaria, a calafetagem, a pintura. Isso tudo foi necessário porque a região é permeada por rios e é por meio deles que a Amazônia se interconecta, o que faz da embarcação o meio de comunicação que torna a vida sobre as águas possível. É nesse navegar que a profissão de abrir letras para nomear barcos acontece, ofício que se faz notar nos estaleiros artesanais que margeiam os rios da Amazônia. Neste estudo, vamos olhar com atenção o trabalho dos profissionais das letras navais.

Os conhecimentos que estão envolvidos no universo da pesca amazônica são muitos, desde os relativos aos artefatos que o pescador utiliza

para uma boa pescaria até os que dizem respeito aos materiais usados pelos pintores navais. Toda a tradição e familiaridade com os barcos faz com que práticas específicas sejam desenvolvidas e isso é relevante para que Bragança, município situado no nordeste do Pará, se mantenha como polo pesqueiro.

Em consideração a essas questões, a pesquisa de que trata este artigo, sobre os conhecimentos da arte de abrir letras e pintar os nomes das embarcações pesqueiras, busca responder ao seguinte questionamento: de que forma se estabelecem os saberes e práticas presentes na ação de abrir de letras em embarcações pesqueiras no município de Bragança?

## 2 METODOLOGIA

Como mencionado, a pesquisa foi realizada em Bragança, município localizado no norte do Brasil, na mesorregião do Pará, às margens do rio Caeté. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, sua área territorial é de 2.124, 734 km<sup>2</sup>, que abriga uma população de 123.082 pessoas (IBGE, 2022). A economia do município é marcada pelas atividades ligadas à pecuária, à agricultura e sobretudo à pesca artesanal, como a pesca de camarão e a extração de caranguejos, além de outras formas de aproveitamento dos recursos naturais de que dispõe o lugar.

A pesquisa iniciou-se em 2020 pelo trabalho de campo, “a fase da pesquisa realizada com intuito de recolher informações prévias sobre o campo de interesse” (Marconi; Lakatos, 2003, p. 186). Nessa etapa, primeiramente foram feitas observações e anotações, e posteriormente entrevistas com roteiro semiestruturado. Fez-se uso de celulares e blocos de anotações para o registro das falas dos entrevistados. A pesquisa, assim, teve uma abordagem qualitativa, em que o ambiente foi a fonte direta dos dados. Conforme Prodanov e Freitas (2013, p. 70), nessa abordagem “o pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo”. Segundo esses autores, a pesquisa qualitativa:

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave (Prodanov; Freitas, 2013, p. 70).

Munidos desse conhecimento, iniciamos nossas incursões na intenção de lá encontrar os possíveis sujeitos da investigação e estabelecer com eles os primeiros diálogos. Assim, visitamos dois locais – Porto do Lobato e Estaleiro Bacuriteua –, onde elegemos dois abridores de letras como sujeitos (conforme figuras 1 e 2). Estamos usando seus nomes reais, pois os entrevistados assinaram um termo de consentimento para que suas identidades fossem reveladas.

Figura 1 – Abridor de letras Naldo, num momento de execução de seu trabalho no Porto do Lobato



Fonte: Corrêa (2021).

Assinalamos que o Porto do Lobato não se configura como um estaleiro, embora atenda a algumas características de um, visto que é costumeira a feitura de reparos em embarcações nesse ambiente de ancoragem.

Figura 2 – Abridor de letras Inaldo, no Estaleiro Bacuriteua



Fonte: Corrêa (2021).

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *Cultura com aspas*, Manuela Carneiro da Cunha (2018) utiliza o gênero musical flamenco para introduzir o conceito de “Cultura”, assim, com aspas. A autora argumenta que os *cantes de ida y vuelta* são produtos coloniais, pois eram praticados nas colônias – a saber Cuba, Colômbia e Argentina –, entretanto foram introduzidos na Espanha na era pós-colonial do império espanhol. Cunha (2018) esclarece que não somente os *cantes flamencos*, mas também tudo aquilo que é produzido na periferia vai para o centro e volta alterado, com desvios, para o seu remetente, o qual é submetido a adotá-los. Com efeito, entende-se que a “Cultura” é um bem exportado. Não obstante, a autora pontua que, no processo de volta, a cultura passou a ser renovada na periferia.

No Brasil, a construção de embarcações acontece anteriormente à invasão colonial. Os povos indígenas utilizavam as canoas para sua locomoção, e na construção desses artefatos utilizavam-se troncos de árvores. Do mesmo modo, se com a construção de caravelas os portugueses transformaram a marinaria medieval numa ciência, para que pudessem navegar pelo mundo com segurança, em solo brasileiro os povos indígenas, para usufruir da diversa ictiografia da floresta amazônica, tiveram de elaborar meios para suprir suas necessidades de deslocamento, o que os fez agir com engenhosidade e transformar árvores em *ubás* ou *igarités*. Assim aprimoraram a cultura da pesca com a prática de construir barcos, um saber-fazer que se perpetuou entre nativos e ribeirinhos. Essa cultura resiste e se aprimora a cada geração, engendrando novas conquistas, feitos, técnicas e saberes, como a abertura de letras em embarcações pesqueiras.

### 3.1 COM A PALAVRA O ABRIDOR DE LETRAS DE EMBARCAÇÃO

Quando falamos em façanhas, imediatamente nos vêm à cabeça as palavras do abridor de letras naval Naldo Guimarães, de 30 anos, que desde os 15 faz letreiro em embarcações na cidade e nos contou sobre as situações vivenciadas no desenvolvimento de seu trabalho artístico:

*“Bastante! Logo no começo assim, principalmente assim quando tá assim ó (apontou para uma embarcação que estava acima da maré ainda bem cheia) num dá pra gente fazer entendeu, debaixo?! Às vezes o cara tá lá no meio (apontou para o mar) aí já procura um pintor na hora... ah pra ti fazer um nome ali e tal, aí o cara vai lá, chega aonde é o barco... é tá lá... iiii, mas num dá pra fazer cara, como é que vai fazer... aí a gente já, já se adaptou já né?! Aí já faz de cabeça pra baixo, da borda do barco a gente faz assim, a letra tudo ao contrário entendeu?! Assim que a gente trabalha”.*<sup>1</sup>

Muito se pode dizer sobre o que percebemos na interlocução com o entrevistado Naldo. Quando chegamos para conversar com o abridor de letras, ele estava exatamente na posição descrita em sua fala. A performance corporal claramente evidenciava o contorcionismo necessário para pintar as letras estando debruçado sobre a borda do barco, e o movimento dos pincéis em nenhum momento foi comprometido por isso. As letras feitas pelo pintor, que estava de cabeça para baixo, foram delineadas com destreza.

O saber-fazer do abridor de letras de embarcação comporta bravuras e a perspicácia do pintor de reagir ao que lhe é apresentado e,

<sup>1</sup> Informação concedida por Naldo, abridor de letras, em 16 de janeiro de 2021.

com engenhosidade, usar o conhecimento para o desenvolvimento de seu trabalho. Assim é possível refletir sobre a possibilidade da aproximação entre saber tradicional e saber científico, visto que cada habilidade que ele precisa dominar para abrir os nomes na embarcação – como observar, rascunhar, experimentar e manusear os pincéis – depende do seu conhecimento sobre os equipamentos necessários. Isso foi dito por Naldo em falas como a que segue:

*“Aqui não tem um material apropriado entendeu?! Pra gente já fazer o letreiro, a gente já tem que improvisar, tem que como é... o pincel bruto né?! Aí tem vários número, número 1, número 2, número 3... aí a gente já dá uma cortadinha, já dá uma alisada aqui na pedra que é pra vê se ele coisa mais... Fica melhor pra pintar assim”.*<sup>2</sup>

Sobre a imanente habilidade científica do homem, Lévi-Strauss expõe em *O pensamento selvagem*:

[...] para elaborar técnicas, muitas vezes longas e complexas, que permitem cultivar sem terra ou sem água; para transformar grãos ou raízes tóxicas em alimentos ou ainda utilizar essa toxicidade para a caça, a guerra ou o ritual, não duvidemos de que foi necessária uma atitude de espírito verdadeiramente científico, uma curiosidade assídua e sempre alerta, uma vontade de conhecer pelo prazer de conhecer, pois apenas uma pequena fração das observações e experiências (sobre as quais é preciso supor que tenham sido inspiradas antes e sobretudo pelo gosto do saber) podia fornecer resultados práticos e imediatamente utilizáveis (Lévi-Strauss, 1989, p. 30).

Ao escrever esse trecho, Lévi-Strauss (1989) está se referindo ao homem neolítico, sua sagacidade e domínio sobre os elementos naturais, tendo em vista a função utilitarista da natureza. Essa sapiência acompanhou o homem e o fez conquistar feitos significativos desde a produção do fogo, assim civilizações inteiras foram constituídas pelo empenho e curiosidade do ser humano em dominar aquilo que o cercava – a botânica, a fitoterapia, a agricultura, todas essas práticas resultam da ação do homem em sua interação com o meio natural.

Por certo, de forma empírica todo conhecimento é progressivamente desenvolvido, e isso nos leva a refletir sobre como um sujeito consegue abrir letras precisas estando de cabeça para baixo ou como esse mesmo sujeito sabe lapidar um pincel para driblar a falta de outro, tudo no intuito de alcançar determinado efeito na letra do nome da embarcação. Toda

<sup>2</sup> Informação concedida por Naldo, abridor de letras, em 16 de janeiro de 2021.



essa complexidade não deixa de ser a mesma de que trata Lévi-Strauss (1989), rebenta da necessidade de uma atitude de espírito verdadeiramente científica do homem.

Dessa maneira, podemos compreender que o saber de um abridor de letras avança a cada tomada de decisão sobre o tipo de letra, a tinta, o pincel, o design que deve empregar em sua arte. Nosso abridor de letras então nos faz ir buscar ainda em Lévi-Strauss (1989, p. 38) que o artista tem, ao mesmo tempo, algo do cientista e do *bricoleur*. Isso quer dizer que esse sujeito consegue, em seu saber-fazer, conciliar propriedades que vão do plano material ao epistemológico, visto que, ao manusear o pincel encharcado com um tipo de tinta, obtém resultados concisos que nomeiam e embelezam o barco.

Para Lévi-Strauss (1989, p. 38):

A arte se insere a meio caminho entre o conhecimento científico e o pensamento mítico ou mágico, pois todo mundo sabe que o artista tem, ao mesmo tempo, algo do cientista e do *bricoleur*: com meios artesanais, ele elabora um objeto material que é também um objeto de conhecimento. Nós diferenciamos o cientista e o *bricoleur* pelas funções inversas que, na ordem instrumental e final, eles atribuem ao fato e à estrutura, um criando fatos (mudar o mundo) através de estruturas, o outro criando estruturas através de fatos (fórmula inexacta pois preempatória, mas que nossa análise pode permitir matizar).

Nesse contexto, é válido mencionar que para Cunha (2007) ambos (saber científico e saber tradicional) são formas de procurar entender e agir sobre o mundo, o que nos faz perceber a epistemologia na atividade do letrista. O abridor de letras Naldo nos falou sobre isso ao dizer que: “Com letra... é... fazendo leteiro em barco, em loja é... essas faixa aí duns 15 ano mais ou menos que eu falei ainda agora... Desde novo... Desde novo a gente, eu trabalho com isso, aprendi com meu pai, meus tio [...]”<sup>3</sup> Saberes que se fortaleceram empiricamente, mas que despontaram de outros fatores a serem considerados, tal como a referência hereditária de que fala o entrevistado (seu tio e pai). Com efeito, todas essas questões unem-se à ação instintiva do homem de perceber e modificar o meio tendo em vista os recursos que a natureza dispõe.

Sob essa lógica, cabe raciocinar que a capacidade do homem de transformar o meio é constante, assim ele cria, recria, ressignifica, engendrando saberes e epistemologias. Contudo, quando se reflete sobre

<sup>3</sup> Informação concedida por Naldo, abridor de letras, em 16 de janeiro de 2021.

conhecimento tradicional, tem-se a percepção de que este já está posto e acabado, sem espaço para modificações e acréscimos. Manuela Carneiro da Cunha (2007), em “Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico”, explica que:

Para o senso comum, o conhecimento tradicional é um tesouro no sentido literal da palavra, um conjunto acabado que se deve preservar, um acervo fechado transmitido por antepassados e a que não vem ao caso acrescentar nada. Nada mais equivocado. Muito pelo contrário, o conhecimento tradicional reside tanto ou mais nos seus processos de investigação quanto nos acervos já prontos transmitidos pelas gerações anteriores. Processos. Modos de fazer. Outros protocolos (Cunha, 2007, p. 78).

Nesse panorama, embora o conhecimento de abrir letras tenha sido repassado de geração para geração, entende-se que esses conhecimentos não ficaram imutáveis, pelo contrário, alcançaram novos rumos e técnicas. Prova disso é o abridor de letras Naldo, com sua atuação não mais em fachadas comerciais como aprendera com o pai e tios, mas agora abrindo os nomes das embarcações pesqueiras bragantinas, utilizando novas habilidades e técnicas com os pincéis. Isso nos revela que o conhecimento tradicional, de fato, encontra novos rumos e formas de fazer pelas mãos das gerações atuais.

Para Déléage (2009, p. 72), a epistemologia “debe ser comprendida como la representación del contexto de aprendizaje del saber transmitido”. O autor corrobora que: “Así, el análisis de la transmisión del saber cultural debe tomar en cuenta al menos tres elementos: el contenido del saber transmitido, el contexto de aprendizaje y su representación en el seno de una epistemología” (Déléage, 2009, p. 72). Isso nos faz inferir que o conhecimento desse abridor de letras, particularmente, adveio da coexistência com seus familiares (pai e tios), que trabalhavam com pintura e técnica de abrir letras em fachadas de lojas nos comércios da cidade de Bragança.

Em nossa conversa, Naldo pontuou que a técnica de abrir letras foi muito mais empreendida por ele, isso o fez conhecer a qualidade dos materiais: “*Aqui não tem muito onde encontrar bom material, tem mais em Belém, na Axé, lá vende todo tipo de pincel... aqui só tem mais o pincel bruto mesmo, aí já tem que lapidar pra vê se dá um acabamento melhor na letra*”.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Informação concedida por Naldo, abridor de letras, em 16 de janeiro de 2021.

Inferre-se, então, que a abertura de letras vai além da tipografia vernacular e alcança prática profissional que requer conhecimento sobre formas, design, materiais que fomentam o trabalho de um incontestável artista.

O abridor de letras Naldo menciona o seguinte sobre como seu trabalho tipográfico se estabeleceu naquela área:

*“Como eu tô falando esse aqui né?! Sempre eu faço deles dessa firma aqui, do seu Zena... ‘Jesus é amigo’... né?! Tudo só dessa firma aqui, eu só faço aqui... É... Pra li já tem outro, outro menino que faz entendeu?! Pra li... E a gente trabalha só numa área, praticamente cada área tem um pintor que abre letra numa firma entendeu?! Aqui sou eu que faço... Eles gostam do meu trabalho aqui, das letras que eu faço... Mas geralmente quando o outro tá muito ocupado ele vem pedir ajuda, a gente vai dá uma ajuda pra ele”<sup>5</sup>*

É preciso compreender que para cada uso há um tipo de letra mais adequado e, no que se refere às embarcações, isso também deve ser levado em conta, pois há uma série de fatores que influenciam a pintura e escrita do nome de um barco, tais como a simbologia desses nomes e o entendimento que o abridor de letras tem disso para representar por meio das palavras o que quer referir o dono do barco. Isso não está somente entrelaçado a aspectos técnicos, mas sim à sensibilidade artística que tem o abridor de letras ao transmitir uma mensagem fazendo uso da escrita. Ao nos falar sobre a escrita do nome da embarcação “Porto Bay”, Naldo revela a sensibilidade para as histórias por trás dos nomes dos barcos:

*“É estranho... Muito estranho assim não... Que não é normal Porto Bay né?! Que o menino trabalhava lá num... acho que é São Paulo, Rio de Janeiro, é um restaurante que tem pra lá, aí ele trabalhou um tempão lá... Aí ele mandou fazer esse nome no barco dele... É diferente do ‘Jesus amigo’ né?! Mas é bonito também”<sup>6</sup>*

Técnica, precisão, embelezamento, sensibilidade, todas essas particularidades foram percebidas quando entrevistamos e acompanhamos o trabalho de Naldo. E ao sabermos da sua não formação acadêmica na área de design, poderíamos inseri-lo no campo da tipografia vernacular. Para Santos, Ribeiro e Silva (2012, n. p.):

O termo vernacular traz ideias de nativo, pertencente à, natural de, e tem forte apelo popular e cultural. Apropriando-se deste termo e somando à tipografia tem-se o que se denomina tipografia vernacular,

<sup>5</sup> Informação concedida por Naldo, abridor de letras, em 16 de janeiro de 2021.

<sup>6</sup> Informação concedida por Naldo, abridor de letras, em 16 de janeiro de 2021.

que são soluções visuais instintivas, não acadêmicas ou desenvolvidas no rigor das regras tipográficas; criadas com os elementos que detêm o escritor, seu ducto caligráfico, com fortes características locais.

No entanto, ao comprovarmos o saber-fazer de suas criações artísticas, toda expressividade contida nelas e a frequente preocupação desse abridor de letras com a estética de seu trabalho, percebemos que suas ações estão fortemente ligadas a um conceito mais apurado da arte, que, certamente, passou pela etapa vernacular, mas que se desenvolveu e atingiu nivelção elaborada.

Em *Letras que flutuam: o abridor de letra e a tipografia vitoriana*, Martins (2008) afirma que a tipografia deve ser entendida não somente como técnica de impressão, mas também como evolução formal das letras e como essa evolução se inseriu nesse processo técnico. Assim, a autora faz um breve percurso histórico na intenção de entender como podemos relacionar a manifestação tipográfica que encontramos na Amazônia com a tipografia vitoriana. De acordo com Martins (2008, p. 42):

O estilo decorativo que chamamos aqui de tipografia vitoriana é assim denominado por ter sido contemporâneo do reinado da Rainha Vitória, que durou 63 anos, entre 1837 e 1901. Além de ter sido o mais longo de um monarca britânico, este período representa a estética dominante no século XIX, época da revolução industrial, do florescimento do comércio global e do surgimento da publicidade.

Figura 3 – Tipografia vitoriana utilizada nos barcos da Amazônia



Fonte: Martins (2008).

Nesse contexto, é inteligível evidenciar a afirmação de Martins (2008) sobre o processo histórico que levou ao surgimento da tipografia vitoriana:

A rápida evolução da técnica tipográfica fez com que o livro impresso amadurecesse, criando características próprias e se distanciando do livro manuscrito. O século XIX, com suas transformações sociais e tecnológicas, também influenciou a tipografia, resultando em grande ruptura. Esta adquire novo papel, seja com a industrialização e a publicidade, seja com o novo estilo, denominado de Vitoriano (Martins, 2008, p. 18).

Entendemos, assim, que a tipografia vitoriana decorre de um processo histórico possibilitado pelo surgimento da publicidade, em que o uso das letras encontrou espaço para decoração. Esse estilo originou-se a partir do reinado da rainha Vitória, na Inglaterra, por isso a nomenclatura vitoriana. Com a Revolução Industrial e a necessidade cada vez mais forte de expansão comercial global, a publicidade se destacou e o estilo vitoriano ganhou forma para atender à finalidade do modelo contemporâneo de divulgação de produtos.

Na Amazônia, a tipografia sofre influência da Europa e tem suas primeiras visualizações publicitárias a partir dos trabalhos do fotógrafo Augusto Findanza, realizador de diversos álbuns publicitários para o governo paraense, em 1867. Com a introdução desse material nos portos de Belém e Manaus, a informação é disseminada e introduzida mediante modelo tipográfico decorativo. Sobre isso Martins (2008, p. 51) afirma que:

Estes álbuns, introduzidos por italianos ligados à Cia. de Navegação Ligure Brasileira, Arthur Caccavoni em Belém e Arturo Luciani em Manaus, são exemplos da expansão da publicidade e disseminação da informação que vive a Amazônia deste momento, onde a prosperidade se faz sentir em todos os setores da economia. Assim como os livretos publicados pelas companhias de navegação, os anúncios das casas aviadoras, bancos, empresas de importação e exportação, impressos na Europa, são exemplos de uso da tipografia decorativa.

Nesse cenário de intensa abertura criativa e crescente movimentação econômica, a Amazônia se desenvolve por meio do ciclo da borracha e abre seus portos para as mais variadas formas de publicidade, tais como jornais, anúncios, embalagens e cartazes. Martins (2008) menciona que assim se pode levantar pontos de contato entre os abridores de letras da Amazônia e as letras decorativas do período vitoriano.

Com a criatividade inserida ao trabalho tipográfico, mudanças na utilização das letras começaram a surgir. Sobre isso Martins (2008, p. 42) afirma o seguinte: “Muda a relação entre a espessura das hastes verticais e horizontais, o contraste. Muda a extensão das letras, mudam as serifas e no

espaço oferecido pelas hastes mais grossas começam a aparecer desenhos, decorações cada vez mais exageradas”.

De acordo com a autora, há algumas características principais no tipo decorativo:

A primeira dela é o uso intensivo das maiúsculas, principalmente porque somente elas oferecem área para decoração sem comprometer a legibilidade, a segunda é espessuras de hastes nunca imaginadas anteriormente. São extremamente grossas, “bolds”, pela mesma razão, é o espaço onde ocorrem as decorações (Martins, 2008, p. 43).

Algumas dessas características foram observadas nas letras feitas por nosso entrevistado. Na Figura 3 e em outros trabalhos que vimos percebemos preferência pelo uso de letras maiúsculas, alargamento das hastes verticais e horizontais, serifas diferenciadas.

Figura 4 – Nome feito pelo abridor de letras Naldo



Fonte: Corrêa (2021).

Pode haver ainda algumas variações nas letras. Conforme Martins (2008, p. 43):

Ainda encontramos letras divididas em duas partes, o surgimento de serifas diferenciadas, o uso da sombra e da linha de contorno. As serifas, antes pequenas terminações nas letras que favoreciam a leitura, tornam-se retas e grandes, chamadas egípcias, com grande variação de espessuras. A conexão, a passagem da haste horizontal para a serifa, antes suave e delicada, se torna abrupta, seca. A partir daí surgem variações nas serifas como pontas e bicos.

Na Figura 3 notamos que as serifas acontecem com notoriedade em todas as letras, sendo na letra A mais evidenciada, já o sombreamento ocorre em todas elas. Com espaços das hastes preenchidos por contrastes para efeito decorativo do nome da embarcação, segundo nosso entrevistado.

Todo esse percurso histórico, epistemológico, certamente, tem relação com o saber alcançado pelo abridor de letras. Contudo, é preciso dizer que o conteúdo desse saber só foi possível por causa do contexto de aprendizagem que levou em consideração a conjunção familiar; a importância do saber transmitido, ou seja, a relevância de assimilar o conhecimento que o cercava, isso porque tal aprendizagem representava um estrato a mais acerca dessa epistemologia. O abridor de letras Naldo fez isso muito bem, tanto que seu trabalho passou a ser reconhecido na cidade e, por conseguinte, alcançou aquilo que mais se destaca no município de Bragança, as embarcações.

Quando se tornou, especificamente, abridor de letras em embarcações na cidade de Bragança, Naldo foi trabalhar com maior frequência no Porto do Lobato, localizado na Praça da República, bairro Aldeia; e tornou-se conhecido pelos proprietários que ancoram seus barcos ali. Ele nos conta:

*“Aqui em Bragança mesmo eu tô morando há 20 anos, só que eu sou filho do interior... Ah, pintando barco, só barco mesmo eu trabalho há pouco tempo, uns 5 ano, agora com letra, fazendo letreiro em barco, em loja, é o que eu te falei ainda agora, uns 15 anos. Agora eu trabalho só aqui nessa área, nessa firma, como eu te falei.... Cada área tem um pintor que abre letra numa firma, aqui sou eu já tem 5 ano”.*<sup>7</sup>

A vontade de mergulhar nesse conhecimento o fez chegar até esse porto, o fez aprimorar a técnica de abrir letras e saber pontualmente o que fazer quando, na escassez de um material, teve de lapidar e cortar um pincel para chegar à forma exata da letra pretendida ou para alcançar determinado efeito na pintura de um nome de barco. Toda essa complexidade demanda disposição, é preciso movimentar-se ao encontro do saber e lançar-se à técnica pelo irrefragável deleite de conhecer.

Já nos referimos algumas vezes neste trabalho ao abridor de letras como artista, entretanto é preciso buscar entendimento quanto a isso. Desse modo, nos lançamos ao encontro dessa compreensão, inicialmente, pelo que encontramos na tese de doutorado intitulada *Embarcações do encantamento: trabalho como arte, estética e liberdade na pesca artesanal de Suape, PE*, da autoria de Cristiano Wellington Noberto Ramalho (2007). Nessa

<sup>7</sup> Informação concedida por Naldo, abridor de letras, em 16 de janeiro de 2021.

pesquisa, o autor nos leva a refletir sobre a concepção de arte no trabalho de pescadores artesanais da praia de Suape, no litoral sul de Pernambuco.

Ramalho observa que o sentimento de que o trabalho pesqueiro artesanal é arte e livre está presente no cotidiano dos pescadores artesanais suapenses e apresenta essa percepção por meio de suas falas:

As falas, independentemente da idade, ressaltam o atributo de arte à sua profissão e de artistas e livres àqueles que a ela se dedicaram em Suape, como atestam as passagens reunidas abaixo:

A pescaria é arte (Conrado, mestre, 39 anos).

Pesca é arte (seu Milton, mestre, 67 anos).

As pescarias só são feitas por artistas e cabras libertos (Gildo, proeiro, 45 anos).

Pescador é o artista (seu Neneu, mestre, 67 anos).

O cara que é pescador ele é artista e é livre (Jorge, proeiro, 23 anos).

Pescar é arte (seu Gidinha, mestre, 70 anos).

O pescador, que é pescador, ele tem que ser livre e ter a arte (seu Luiz Augusto, mestre, 66 anos) (Ramalho, 2007, p. 36).

Segundo o autor, a percepção de arte observada nas falas dos pescadores está relacionada a heranças históricas que salientam a maneira como se estruturou e se desenvolveu a pesca em Pernambuco. Esse acontecimento se deu mediante a inserção das corporações de ofício que existiam em Portugal e foram trazidas para o Brasil a fim de organizar homens de mesma profissão e, com isso, ajudar o domínio português em solo nacional.

Nessa perspectiva, cabe explicitar sobre as corporações de ofício, conforme Rugiu (1998, p. 32):

A corporação era uma unidade produtiva que representava um ofício de um mestre artesão ou a junção de vários mestres de uma mesma profissão. Era uma forma de associação e tinha como características a ajuda mútua entre seus membros e, principalmente, a defesa dos interesses sociais, políticos e econômicos de um determinado agrupamento profissional. Surge entre o século XIII e XIV em vários países da Europa (Inglaterra, França, Itália, Espanha, Portugal), mas, no caso lusitano, assume maior força por volta do século XV. Na grande maioria, as corporações também eram chamadas de grêmios e/ou de confrarias – quando estas se ligavam a homens de uma mesma profissão – pelo caráter similar no que diz respeito à ajuda mútua entre seus integrantes (assistência médica, enterros e outros), a devoção a um Santo (ou Santa) protetor e a defesa de um determinado ofício. As corporações assumiram essas características e foram assim difundidas no Brasil.



Vemos, então, que o entendimento sobre ser artista está intimamente ligado à palavra mestre como indivíduo especializado em determinado trabalho. Segundo Ramalho (2007, p. 38), como aquele que tem:

O domínio agudo de determinado trabalho exercido e ensinado por aqueles homens que eram portadores do grau de mestres de alguma arte, e que respeitavam um código profissional pertencente ao setor de seu ofício, da sua profissão. A expressão *mesteres* foi, assim, repassada para o Brasil, seja decorrente da organização social do trabalho nas corporações, seja na concepção de trabalho como arte, como *misteres*.

Com relação ao abridor de letras Naldo, verificamos em suas palavras a menção de que ele conseguiu estabelecer-se naquela área (Porto do Lobato) como abridor de letras, visto que em cada espaço bragantino (estaleiros e portos) há um abridor de letras específico trabalhando; e ali, no Porto do Lobato, é ele quem abre letreiros nas embarcações. Isso foi dito pelo entrevistado com ênfase.

Essa circunstância nos mostra que por mais que não tenhamos a palavra mestre sendo proferida, o significado dela de acordo com Ramalho (2007) é percebido, ou seja, o entendimento de que estamos diante de um sujeito detentor aguçado de um conhecimento, adepto de modos e preceitos referentes a esse trabalho. Certamente, isso é levado em conta pelos donos das embarcações e demais profissionais da pesca quando perguntados sobre abridores de letras em Bragança. Convém lembrar que foi justamente assim que conhecemos Naldo, indicado por trabalhadores da pesca num dos estaleiros que visitamos.

Bem, podemos afirmar então que esse abridor de letras é especialista nessa atividade. Contudo, para isso faz-se necessário irmos buscar em Lukács (2018, p. 151) o entendimento de que

O conhecimento científico ou a criação artística (e a recepção estética da realidade, como na experiência do belo natural) diferenciam-se no curso do longo desenvolvimento da humanidade, tanto nos limites extremos como nas fases intermediárias. Sem este processo, jamais se teria concretizado a verdadeira especialização destes campos, a sua superioridade em face da práxis imediata da vida cotidiana, da qual ambos paulatinamente surgiram.

Nessa direção, inferimos que o trabalho do abridor de letras não é meramente reagir ao que o cotidiano apresenta, há um aflorar de sentidos, percepções que se aliam aos instrumentos utilizados no trabalho artístico e

que dão origem à criação. A especialização une todos esses elementos. Para Lukács (2018, p. 152), “naturalmente, a longa especialização, realizada com sucesso, implica em que se aperfeiçoem órgãos receptivos que percebem coisas, formas, relações, etc. que não poderiam ser obtidas pela práxis imediata da vida cotidiana”.

Dessa forma, percebemos que no exercício de sua prática o abridor de letras consegue abranger não somente o manuseio exato dos pincéis, mas também a exatidão das formas, do sombreamento das letras, da necessidade de ter ou não serifas em determinadas letras. Essas intuições partem de um espírito artístico que não sabemos se foi moldado pela prática, no entanto sabemos que existe. Percebemos isso na fala de Naldo: “*Aí pra gente fazer o letreiro... já tem que improvisar. É a gente mesmo que arruma os pincel bruto né?! Aí já tem que lapidar pra vê se dá um acabamento melhor na letra, pra sombrear, nos traços que a gente faz*”.<sup>8</sup>

Direcionamo-nos então ao que Antonio Rugiu (1998, p. 41) nos apresenta em seu livro *Nostalgia do mestre artesão*, ao salientar que o trabalho artesanal está relacionado à tradição pedagógica do aprender fazendo mantida pela transmissão de conhecimento entre pais e filhos, mestre e aprendiz; e também por meio de escolas organizadas por cooperativas e associações de artesãos.

Na obra, o autor argumenta que o aprender fazendo é o ideal pedagógico das corporações de ofício e está intimamente ligado à imagem do mestre artesão. No entanto, ao decorrer das transformações trabalhistas essa figura vai sendo enfraquecida pela inserção do sistema fabril. Contudo, Rugiu (1998) diz que essas corporações se constituem como sistema formativo não somente pela relação existente entre mestre e aprendiz, mas também pelas metodologias pedagógicas empregadas pelo mestre para o ensino do ofício ao aprendiz.

Essas metodologias estão relacionadas a diversos aspectos disciplinatórios, que envolvem não somente a hierarquia e a divisão do trabalho existentes nas oficinas de artesanato, mas também moldavam o comportamento dos aprendizes para a vida, isto é, formava-se o ser humano para o exercício do trabalho e da moralidade. Segundo Rugiu (1998, p. 77) o “aspecto da disciplina da personalidade e do adestramento

---

<sup>8</sup> Informação concedida por Naldo, abridor de letras, em 16 de janeiro de 2021.

para comportamentos determinados para os diferentes momentos da vida prevalecia sobre o aprendizado intelectual e cognitivo”. Isso, certamente, diferenciava esses trabalhadores, que passavam a se reconhecer como especialistas, com formação num determinado ofício.

No contexto de trabalho em que Naldo executa suas funções, a divisão trabalhista ocorre por áreas específicas, de modo que em cada espaço há o seu abridor de letras: *“Pra li já tem outro cara que faz... a gente trabalha cada um numa área, cada área tem o seu pintor, em cada firma entendeu?! Aqui sou eu... Mas a gente se ajuda, quando tem um que tá muito ocupado o outro vai dá uma ajuda pra ele”*.<sup>9</sup>

O espaço em que Naldo trabalha não é especificamente um estaleiro, trata-se de uma área onde barcos ancoram para consertos e reparos. Não há ali uma hierarquia estabelecida, seu direcionamento se dá inteiramente ao dono do barco: *“O cara pede pra gente fazer o nome e a gente faz... Essas firma aqui é só um padrão. Já faz tempo que eu faço dessas firma aqui tudinho”*.<sup>10</sup>

É relevante salientar que observamos nas dinâmicas dos estaleiros que os abridores de letras detêm conhecimentos que vão além da ação de abrir a letra para o nome de uma embarcação. Isso se fez notar na atividade de construir um cavalo para alcançar o espaço para demarcação exata do nome do barco.

Ouvimos nos estaleiros e locais que visitamos o uso do termo cavalo para descrever um utensílio feito de madeira com aproximadamente 1,5 m a 2 m que serve de escada para o abridor alcançar a altura do barco e assim abrir a letra do nome no espaço correto. No Porto do Lobato, o abridor de letras Naldo falou sobre a utilização desse artefato: *“Aqui dá de fazer porque umas três e meia, quatro horas tá seco ainda, aí põe o cavalo, a gente sobe e vai fazendo”*.<sup>11</sup>

Esse mesmo utensílio é usado pelos carpinteiros navais para pregar as tábuas necessárias à construção do barco. E, às vezes, o objeto é construído não somente pelos carpinteiros, mas também pelos abridores de letras, que na experiência de seu trabalho adquiriram saberes além da abertura de letras.

<sup>9</sup> Informação concedida por Naldo, abridor de letras, em 16 de janeiro de 2021.

<sup>10</sup> Informação concedida por Naldo, abridor de letras, em 16 de janeiro de 2021.

<sup>11</sup> Informação concedida por Naldo, abridor de letras, em 16 de janeiro de 2021.

Figura 5 – Utensílio denominado cavalo usado por carpinteiros e abridores de letras navais



Fonte: Corrêa (2021).

### 3.2 OUTRO ESTALEIRO, OUTRO ABRIDOR

O outro abridor de letras que entrevistamos, Inaldo Moraes Tavares, 42 anos, nascido na Vila Bacuriteua e que atua no Estaleiro Bacuriteua, falou a esse respeito:

*“Eu trabalho aqui, eu ajudo eles em tudo aqui, mas quando é pra abrir letra tudo é eu... aí a gente faz tipo ali, aquele coiso ali ó, aqueles cavalo, como eu faço quando eu for fazer a letra desse barco, eu tenho que usar aqueles cavalete lá... Tem o balanço também, eu já experimentei, mas é mais... o cara faz, mas não fica bem apoiado não... eu sou mais assim ( e apontou para o cavalo)... Porque a letra tem muita atenção... Se você se mexer ela já... aí escorre, já fica mal feita... Aqui a gente nem tem mais isso (se referindo ao balanço)”*.<sup>12</sup>

Desse modo, continuemos a nos debruçar sobre os saberes presentes na abertura de letras em embarcações. No Estaleiro Bacuriteua, tivemos longas conversas com o Inaldo, que trabalha ali há quase cinco anos exercendo a atividade de abrir os nomes nas embarcações da vila e localidades próximas.

Inaldo nos falou sobre muitas situações relacionadas a sua profissão, nos contou da dificuldade em pintar barcos que estão no meio do rio e também de um específico momento de apreensão vivenciado:

<sup>12</sup> Informação concedida por Inaldo, abridor de letras, em 26 de novembro de 2021.

*“Já, já, já... Foi uma que eu tava fazendo... Não, a dificuldade que eu tinha assim pra eu mostrar meu serviço né?! Por causa que a embarcação tava flutuando, balançava muito... Eu tinha de fazer de cima assim... Uma posição ruim que eu num tava conseguindo... Isso eu achei muito dificultoso nesse dia né?! Mas eu fiz... Consegui, consegui fazer... Eu ficava pensando né?! Será que o rapaz vai gostar dessa letra... Porque quando eu fazi assim, pegava o pincel... O mar coisava né?! A onda vinha e começava querer ficar torto o negócio... Eu tava tentando controlar... Aí foi isso... Têm essas história que acontece com a gente... Mas deu certo”.*<sup>13</sup>

Essas tensões são vividas no cotidiano do abridor de letras. No entanto, não nos pareceu que Inaldo se preocupou com isso, no que se refere à periculosidade, visto que a maré balançava e ele poderia desequilibrar-se e cair a qualquer momento de onde estava apoiado (balanço). O que nos despertou interesse foi o fato de que, para esse abridor de letras, naquele momento era mais importante mostrar para o dono da embarcação, e sobretudo para o restante da vila, o primor de seu trabalho. Isso ficou claro pela atitude de contentamento e orgulho observável em seu olhar e entonação de voz ao dizer que, mesmo com as apreensões, conseguiu executar o serviço.

Foi muito instintivo o que percebemos nesse abridor de letras em relação ao reconhecimento que ele buscava na comunidade. Não sabemos dizer se isso estava relacionado ou não à necessidade de conquista de clientela, o que podemos afirmar é que esse abridor buscava o reconhecimento dos outros pelo seu trabalho, ou seja, intentava ser reconhecido como especialista em abrir letras em barcos. Nesse contexto, fomos buscar em Paes Loureiro explicações sobre a atitude do abridor de letras: “Se nos barcos o pintor não se reconhece artista produtor de beleza e não assume a autoria de seu trabalho, o mesmo não acontece com o pintor de letras. O ‘abridor de letras’, como gostam de se autointitular. São especialistas em escrever nomes nas embarcações (Paes Loureiro, 2001, p. 174).

Isso nos leva a inferir que de fato o abridor de letras tem noção artística e quer ser reconhecido como tal; mesmo que em algumas embarcações ele não se identifique, ambiciona que seus traços e marcas deixadas como forma de nomear a embarcação sejam percebidos pelo dono do barco e maiormete pela comunidade. Essa questão pode estar relacionada ou não a fatores econômicos, visto que assim o abridor de letras poderá adquirir reconhecimento e por conseguinte clientela para seus trabalhos; entretanto, observamos que a admiração pela sua arte era o que mais lhe interessava,

<sup>13</sup> Informação concedida por Inaldo, abridor de letras, em 26 de novembro de 2021.

ser visto como especialista em abrir nomes de embarcações era o que o motivava, nem que para isso fosse necessário defrontar perigos.

Figura 6 – Embarcação com nome feito pelo abridor de letras Inaldo



Fonte: Corrêa (2021).

Em toda organização social a necessidade de pertencimento se faz notar pela função de cada indivíduo em sua comunidade, isso o identifica, insere-o como parte do meio em que vive. Acreditamos ser essa a necessidade que Inaldo denotou ao salientar com veemência que, apesar dos empecilhos, conseguiu mostrar seu trabalho a todos naquele lugar e a partir de então passou a ser considerado como “abridor de letras em embarcação”, um especialista.

Malinowski (2018) demonstra em suas apreciações sobre os nativos da Nova Guiné melanésia, organização social em que o especialista tem significativa relevância: “Além do proprietário, há outra função de grande importância sociológica, ou seja, a do especialista. Trata-se do indivíduo que sabe construir a canoa, fazer os entalhes [...]” (Malinowski, 2018, p. 189). O abridor de letras pode estar inserido nesse espaço, pois factualmente

sua função tem larga parte na construção da embarcação, visto que é ele – abridor de letras – quem por meio da arte personifica o barco.

Quando chegamos ao Estaleiro Bacuriteua e perguntamos sobre quem abria as letras das embarcações naquele local, os profissionais que ali estavam apontaram Inaldo como responsável por tal serviço. Esse abridor de letras nos contou que já vivenciou momentos em que seu trabalho foi apreciado pela comunidade:

*“Eu senti assim... as pessoa falando pra mim assim... No dia que eu fiz um... Eu vou falar essa... No dia que eu fiz o dum barco aqui, aí eu fui pra li... Aí o barco ficou ali no cais, aí saiu o barco né?! Aí os pessoal comentaro: Égua! Esse barco ficou bonito, quem foi que fez essas letra assim... Comentando pra outro rapaz lá, aí eu lá perto escutando né?!... Aí eles: é, ficou legal, ficou legal mesmo... Aí o rapaz disse: Olha, foi o menino que fez aí... Então pra mim é um... assim, um elogio é bom né?! (E abriu um largo sorriso de contentamento)”*.<sup>14</sup>

Ao analisarmos a função do abridor de letras na organização do trabalho, cabe salientar a importância da atuação de cada trabalhador envolvido na feitura de um barco, sujeitos especializados em carpintaria naval, em abrir letras, pintar, calafetar a embarcação. Esses trabalhadores exercem em sua respectiva especialidade a responsabilidade de fazer aquele grande objeto navegar, são eles que detêm a técnica de concretizar o barco.

Assim, é preciso mencionar que nessa relação a divisão trabalhista acontece não somente de forma integrada, mas também hierárquica, como afirmam Barboza, Oliveira, Nascimento e Ribeiro (2019. p. 8): “No tocante à compreensão das relações estabelecidas entre esses profissionais, é importante ressaltar que as relações entre diferentes funções são hierarquizadas, e também vistas como complementares”.

Não obstante, no que se refere aos abridores de letras, essa hierarquia não é estabelecida de forma evidente, visto que esses profissionais trabalham de forma solitária, apenas em conjunto quando um abridor de outra área necessita de auxílio. Palavras ditas por Naldo Guimarães, abridor de letras do Porto do Lobato: “Aí a gente trabalha só numa área, que nem eu disse ainda agora... Cada área tem um que pinta... Aí só quando um tá muito ocupado, ele vem pedir ajuda e a gente vai ajudar... Vá dá uma ajuda pra ele”.<sup>15</sup>

Analogamente, Inaldo Tavares, abridor de letras do Estaleiro Bacuriteua, mencionou que isso também ocorre em seu ambiente de

<sup>14</sup> Informação concedida por Inaldo, abridor de letras, em 26 de novembro de 2021.

<sup>15</sup> Informação concedida por Naldo, abridor de letras, em 16 de janeiro de 2021.

trabalho. Entretanto, no Estaleiro Bacuriteua há um responsável pelo lugar; e os profissionais executam seus trabalhos de acordo com suas funções. Porém, Inaldo informou que ele faz mais do que somente abertura de letras no estaleiro e, por vezes, também faz serviços fora daquele espaço:

*“Eu trabalho aqui, com o chefe aí ó... Eu trabalho aqui, ajudo eles em tudo aqui... Mas quando é assim negócio de pintura, abrir letra, tudo é eu né?! Faço... Às vez o pessoal vem dali e: ah faz uma letra ali no meu barco... eu vou... Ou às vez pra ajudar algum companheiro que tá com muito serviço... eu também vou... Às vez os menino me chamo pra ir pra li, eu também faço”.*<sup>16</sup>

Vamos mais uma vez encontrar em Paes Loureiro avaliações que nos esclarecem o saber-fazer do abridor de letras e a importância de sua arte:

São letras-telas que, feito espaço pictórico mítico, podem conter dentro deste tanto um adorno geometrizarante, como uma paisagem desenhada. Assim, tanto remetem ao contexto frasal em que se veem inseridas em uma função comunicante, como retêm a mensagem em si mesma (Paes Loureiro, 2001, p. 174).

Assim, nota-se que a arte do abridor de letras pode ser compreendida no imediato visual, e ele espera que isso aconteça, visto que considera sua pintura um letreiro expositor de sua arte, que se dá por meio do nome da embarcação e da simbologia que cada palavra ou frase representa. O entrevistado Inaldo falou do seu contentamento em ser reconhecido como abridor de letras na comunidade de Bacuriteua:

*“Eu fico muito alegre, satisfeito... Porque quando vocês faz uma coisa boa todo mundo se agrada né?!... Eu já fiz nome com a embarcação em movimento que nem eu falei né?!... Tem... Tem gente que já conhece o meu trabalho... É porque foi assim né?! Que nem às vez os menino vem... Eles tão atrás de pintor ali, aí o rapaz vem aqui: ... Ei, eu conheço o rapaz ali, o Inaldo, ele pinta lá, barco... (Em referência a fala de outra pessoa) Aí o rapaz vem aqui e me chama... Porque outro dia o rapaz veio me buscar aqui: ... Ei pra ti fazer um nome numa embarcação lá (novamente se referindo a fala de outra pessoa)... Né?!... É assim... Aí por causa... Não é todas... Mas aqui é o beiradão né?! Tem muita gente que veve doutras coisa... Aí a gente já veve aqui... dos barco né?!... Porque eles me conhece... Porque assim né?! Em todos esses trabalho as pessoa já vem logo comigo né?! Aí eu fico assim né?! Porque tem tantas pessoa lá, mas eles num pinta, eu que pinto... Então é assim, as pessoa quando chega algum trabalho de pintura, eles já vem logo comigo... Porque já conhece o meu trabalho, já viu as minha pintura... Ah! O Inaldo sabe pintar, ele faz... Eles já conhece o meu serviço”.*<sup>17</sup>

<sup>16</sup> Informação concedida por Inaldo, abridor de letras, em 26 de novembro de 2021.

<sup>17</sup> Informação concedida por Inaldo, abridor de letras, em 26 de novembro de 2021.



Destarte, entendemos que apesar da organização e técnica presentes na arte feita pelos trabalhadores de estaleiros, ainda são insólitos o reconhecimento e o resguardo de direitos desses profissionais, trabalhadores que produzem material de forma organizada, saber-fazer adquirido pela experiência e empenho em aprender.

## 4 CONCLUSÕES

Nota-se, portanto, que os abridores de letras demonstram em seus afazeres não somente saberes e práticas dessa específica atividade, mas também o orgulho de expressar a arte que dominam. Isso é perfeitamente evidente por meio dos nomes das embarcações, terminologias que demandam o conhecimento apurado e a sensibilidade desse profissional empírico.

É válido destacar que nessa investigação, brevemente, esclarecemos como a arte pode ser compreendida pelos sujeitos e estabelecida nos contextos em que ocorrem, bem como conhecemos os trabalhadores de estaleiros e espaços similares. Ademais, foi possível entender que os abridores de letras de embarcações são sujeitos responsáveis pela personificação da embarcação e que, por meio do nome, o barco atinge uma particularização ainda maior para seus proprietários, assim como para a comunidade e todos aqueles envolvidos com a embarcação.

Compreendemos, também, que os conhecimentos dos abridores de letras se estabelecem como saberes tradicionais, repassados de geração para geração. Entretanto, foi possível observar que os abridores atuais adotam novas práticas, protocolos e técnicas na feitura de seus trabalhos, tais como a organização da atuação de cada abridor por área e sua tomada de decisão sobre o tipo de letra, a tinta, o pincel e o design que precisa aplicar na abertura do nome da embarcação.

Nesse viés, cabe salientar a relevância da continuidade de pesquisas de cunho etnográfico para que assim seja possível, progressivamente, identificar atividades que atravessam gerações e contribuem para a sobrevivência de povos e comunidades na Amazônia.

## REFERÊNCIAS

- BARBOZA, R. S. L.; OLIVEIRA, M.; NASCIMENTO, J. R.; RIBEIRO, J. F. Navegar é preciso: visibilizando os saberes e fazeres ancestrais dos mestres da carpintaria naval amazônica. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL POVOS INDÍGENAS DA AMÉRICA LATINA – CIPIAL, 3, 2019, Brasília, DF. Anais [...].* Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2019. Não paginado.
- BITTENCOURT, A. **Bacia Amazônica: vias de comunicação e meios de transporte.** Rio de Janeiro: ACA, 1957.
- CORRÊA, E. C. S. **Nomes a navegar: saberes, práticas e significados nos nomes das embarcações pesqueiras de Bragança – Pará.** 2021. 122 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Antrópicos na Amazônia) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2021.
- CUNHA, M. C. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Revista USP**, São Paulo, n. 75, p. 76-84, 2007.
- CUNHA, M. C. **Cultura com aspas.** São Paulo: Ubu, 2018.
- DÉLÉAGE, P. Epistemología del saber tradicional. **Dimensión Antropológica**, [s. l.], año 16, v. 46, p. 72-81, mayo/ago. 2009.
- FERREIRA, S. H. Nota sobre a construção naval no Brasil nos séculos XVII e XVIII. **Hottopos**, [s. l.], 2009. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur2/sivar.htm>. Acesso em: 20 set. 2020.
- IBGE. Panorama das Cidades. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 17 mar. 2022.
- LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem.** Campinas: Papyrus, 1989.
- LUKÁCS, G. **Introdução a uma estética marxista: sobre a particularidade como categoria da estética.** São Paulo: Instituto Lukács, 2018.
- MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Ubu, 2018.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, F. O. **Letras que flutuam**: o abridor de letra e a tipografia vitoriana. 2008. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Semiótica e Cultura Visual) – Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

PAES LOUREIRO, J. J. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. São Paulo: Escrituras, 2001. (Col. Obras reunidas, v. 4).

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

RAMALHO, C. W. N. **Embarcações do encantamento**: trabalho como arte, estética e liberdade na pesca artesanal de Suape, PE. 2007. 301 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RUGIU, A. S. **Nostalgia do mestre artesão**. Campinas: Autores Associados, 1998.

SANTOS, C. A.; RIBEIRO, I. C. M.; SILVA, T. S. L. Estudo tipográfico dos nomes das embarcações tradicionais da Ilha do Maranhão: estilo, identidade e significados. *In*: CONGRESSO NORTE NORDESTE DE PESQUISA E INOVAÇÃO – CONNEPI, 7, 2012, Palmas, TO. **Anais** [...]. Palmas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, 2012. Não paginado. Disponível em: <https://prop.i.iftto.edu.br/ocs/index.php/connepi/vii/paper/viewFile/2084/2945>. Acesso em: 5 fev. 2020.